

CAPÍTULO 3.5

Teste rápido e detecção das hepatites B e C: a atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde¹

DOI: <https://doi.org/10.47879/ed.ep.202500019p217>

Luana Jessica Ferreira de Souza
Selma Teixeira Felix Salum
Jade Buarque Sampaio
Maria Eduarda Teodoro Araujo
Miriam Marinho Chrizostimo
Maritza Consuelo Ortiz Sánchez
Pedro Ruiz Barbosa Nassar
André Luiz de Souza Braga

RESUMO:

No Brasil, os testes rápidos para IST são cruciais na detecção precoce e tratamento de HIV, sífilis, e especialmente Hepatites B e C, afetando milhões globalmente e sendo uma das principais causas de transplantes de fígado. Portanto, o objetivo deste estudo é relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem da UFF na educação em saúde sobre a importância do teste rápido para hepatites B e C. Realizado no primeiro semestre de 2024 em uma policlínica do SUS, os acadêmicos utilizaram recursos educativos e abordagens interativas para conscientizar pacientes e transeuntes. Distribuíram 50 folhetos, com 18 pessoas realizando o teste rápido e 10 planejando realizar futuramente. A prática foi fundamentada nos princípios de Paulo Freire, enfatizando a importância de uma abordagem acolhedora. Embora os profissionais de enfermagem demonstrem bom entendimento sobre os testes rápidos, ainda enfrentam barreiras como falta de treinamento contínuo e infraestrutura inadequada. A conscientização dos

¹Artigo publicado na Revista Contemporânea em agosto de 2024

pacientes e a educação em saúde são essenciais para a prevenção e manejo das hepatites, necessitando de investimentos em políticas públicas para treinamento e infraestrutura.

Palavras-chave: enfermeiros, hepatite B, hepatite C, atenção primária, testes rápidos, IST, detecção precoce, educação em saúde.

INTRODUÇÃO

No Brasil existem dois tipos de testes para infecções sexualmente transmissíveis (IST), o exame laboratorial, onde é coletado o sangue venoso e enviado ao laboratório para análise, e o teste rápido, realizado a partir da coleta de uma gota de sangue do dedo do paciente ou do fluido oral, bastando aguardar até no máximo 30 minutos para se obter um resultado. (DIH, 2022) Nessa perspectiva, os testes rápidos são um excelente aliado na detecção precoce e tratamento adequado das IST, pois são portáteis, ágeis, permitem que o exame seja executado com facilidade e possibilitam a detecção de HIV, sífilis, e Hepatites B e C.

Apointa-se que a hepatite C afeta entre 80 e 150 milhões de pessoas no mundo, e é uma das maiores causas de transplantes de fígado. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017) Já em relação à hepatite B, é estimado que quase 1 milhão de pessoas tenham a doença no Brasil, e 700 mil ainda não possuem o diagnóstico. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023) Dessa maneira, a hepatite, que é caracterizada como a inflamação do fígado, pode ser desencadeada por alguns remédios, álcool, drogas, doenças autoimunes, genéticas ou metabólicas, e por vírus. As hepatites virais são classificadas como A, B, C, D e E, sendo mais comum no Brasil os subtipos A, B e C. (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, [s.d.]) Enquanto as hepatites A e E podem ser contraídas por meio do consumo de alimentos ou água contaminada por fezes, a transmissão dos subtipos B, C e D, ocorre via relação sexual desprotegida, contato com sangue contaminado e até verticalmente, através da gravidez e do parto. (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2023)

Como nem sempre as hepatites B e C apresentam sintomas, muitos indivíduos são portadores dessas doenças e não sabem, o que aumenta os riscos de a infecção evoluir e tornar-se crônica, com o potencial de causar sequelas graves como cirrose ou câncer. (GOVERNO DO ESTADO

DA BAHIA, [s.d.]) Logo, é preciso oferecer à população a realização dos testes rápidos para identificar os portadores dessa IST e, além disso, disseminar noções de educação em saúde para evitar o surgimento de novos casos.

A Organização Mundial da Saúde estimou que cerca de 1,1 milhões de mulheres grávidas seriam infectadas com sífilis em 2022, o que resultaria em mais de 390 000 resultados adversos no parto. (WHO, 2024) Em paralelo, segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, de 2007 até junho de 2023, foram notificados no Sinan 489.594 casos de infecção pelo HIV no Brasil. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023)

Assim, dados alarmantes como esses, corroboram que as infecções sexualmente transmissíveis, ainda são um grande problema de saúde global. Nesse contexto, mais de 30 tipos de bactérias, vírus e parasitas diferentes, podem ser transmitidos através do contato sexual, o que inclui sexo vaginal, anal e oral, e dessa forma, acarretar o desenvolvimento de uma IST. Ademais, a transmissão dessas infecções também pode ocorrer de mãe para filho durante a gravidez, parto e amamentação. (WHO, 2024)

O Decreto nº 8.901/2016 publicada no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17, determinou o uso da nomenclatura “IST” no lugar de “DST” (doenças sexualmente transmissíveis). Essa mudança se deu, pois, segundo Adele Benzaken, diretora do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, a palavra “doença” implicaria em sintomas e sinais visíveis no organismo do indivíduo. Por outro lado, ‘Infecções’ podem ter períodos assintomáticos, a exemplo da sífilis, herpes genital, condiloma acuminado, ou se manterem assintomáticas durante toda a vida do indivíduo, como em casos de infecção pelo HPV e vírus do Herpes, sendo então, somente detectadas por meio de exames laboratoriais”. (BRASIL, 2016).

Essa mudança na nomenclatura é uma excelente oportunidade para se discutir sobre a ausência de sintomas, uma grande problemática das IST. Sob essa ótica, as IST podem ser silenciosas, ou seja, não apresentarem sinais, e caso não sejam diagnosticadas e tratadas corretamente, podem levar a complicações tais quais infertilidade, câncer ou à morte. (BRASIL, 2023) Por conseguinte, a realização da testagem é extremamente importante, ainda mais se ocorrer exposição ao risco, como a realização de atividade sexual sem o uso de camisinha, o compartilhamento de seringas e demais objetos cortantes. (GOVERNO DO ESTADO DA

BAHIA, [s.d.])

Segundo a OMS, os cuidados primários de saúde asseguram que o indivíduo receba cuidados que vão desde a promoção e prevenção ao tratamento, à reabilitação e cuidados paliativos, devendo isso ocorrer o mais próximo possível do seu ambiente diário (OMS, 2023). Logo, o enfermeiro tem um papel fundamental na atenção primária, com ênfase na educação em saúde, um dos principais tópicos compreendidos nessa estratégia. Nesse âmbito, a educação em saúde envolve atividades que visam promover o cuidado do paciente, usando-se os recursos disponíveis nos serviços de saúde.

Essas ações pedagógicas possibilitam a troca de conhecimentos entre enfermeiro e paciente, e podem ocorrer por meio de múltiplas estratégias, como o diálogo, o letramento funcional em saúde e a problematização, técnica a qual estimula o paciente a contar seus problemas promovendo-se então uma troca contínua dos saberes. (Costa et al, 2020) Outrossim, vale destacar ainda, o desenvolvimento de atividades lúdicas, (Souza et al, 2016), a distribuição de cartilhas e folhetos (Alves et al, 2005) e a representação visual de partes do corpo humano. (Oliveira et al, 2024)

Portanto, é fundamental que o enfermeiro esteja apto para educar o grande público sobre as infecções sexualmente transmissíveis, e que possua perícia para realizar o teste rápido. Com base nisso, o objetivo desse trabalho é de relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem do sexto período, do Curso de Graduação da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC), da Universidade Federal Fluminense (UFF), SOBRE EDUCAÇÃO EM SAÚDE RELACIONADA A IMPORTÂNCIA DO TESTE RÁPIDO PARA DIAGNÓSTICO DE HEPATITE B e C.

METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de um relato de experiência, sobre educação em saúde no tocante às hepatites B e C, exercido no primeiro semestre do ano de 2024, em uma policlínica vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS), realizada por acadêmicos do curso de enfermagem, do sexto período, cursantes da disciplina de Gerência de Enfermagem I, componente curricular obrigatória da Matriz Curricular da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Ao desenvolvimento da educação em saúde em si, junto à popula-

ção presente tanto na policlínica, como aos seus arredores, observada como primordialmente afetada pela questão das ISTs através de acompanhamento setorizado, em especial na vigilância sanitária da localidade, a qual seria importantemente desenvolvida a questão da educação em saúde para a importância do teste rápido para ISTs, em especial as hepatites B e C, com a utilização de ferramentas de ensino capazes de conscientizar e incentivar o uso do mesmo para a população referida.

Tal unidade de saúde tem como costume a recepção de pessoas de variados bairros da área referente ao município de Niterói-RJ, sendo estas advindas de bairros como Largo da Batalha, Ititoca, Sapê, Badu, Cantagalo, Maceio, Viradouro, entre outras comunidades e/ou bairros do entorno, cada uma com sua demanda em saúde, seja consultas, exames, vacinas, acompanhamentos, emergências, entre outros. Por isso, foi de suma importância observar e compreender os contextos sociais de cada bairro e da região em si, além da demanda da policlínica, para a elaboração da estratégia de ação através da educação em saúde.

Tendo em vista a entrada da campanha de conscientização denominada “Julho Amarelo” e considerando a importância do teste rápido para ela, sendo, em específico para hepatites B e C, foi utilizado o método de educação em saúde individualizada, método este que envolve interações diretas com os pacientes e pode incluir atividades como aconselhamento, orientação, demonstrações práticas, e fornecimento de informações educativas sobre prevenção, tratamento e manejo de doenças.

Assim, ao definir o método em questão e após a preparação do mesmo, os próprios acadêmicos, em duplas, se direcionaram à policlínica e abordaram os pacientes da unidade de saúde, além de transeuntes à frente da unidade, esclarecendo a importância do teste rápido para ISTs, em especial hepatites B e C, tendo sido citados seus mecanismos de contágio, seus sintomas e/ou a ausência deles, e suas complicações, entregando o recurso instrucional utilizado na estratégia de educação em saúde, sendo este o panfleto.

O panfleto tem como base a campanha do julho amarelo, destacando as hepatites virais, que representam um desafio global de saúde, com milhões de pessoas afetadas anualmente, destacando a importância de prevenir, diagnosticar e tratar a doença, destacando formas de e objetos de ataque dela, incentivando a prevenção e a realização do teste rápido para

diagnóstico.

Junto deste, foram utilizados, para desenvolvimento de ação, recursos visuais escritos e elementos figurados, corroborando para um melhor entendimento acerca da temática abordada, como broches, cartazes, e laços amarelos de tamanhos variados, além do diálogo entre os estudantes e os clientes que entravam, saíam, e passavam à frente da policlínica.

Na primeira etapa, a partir do princípio de divulgação da campanha do julho amarelo, e da vontade dos acadêmicos em levar o conhecimento desejado aos pacientes, se iniciou uma elaboração explicação para a campanha em questão, esclarecendo os tipos de hepatites virais, suas formas de contaminação e sintomas, bem como casos assintomáticos.

Anteriormente, foram realizadas pesquisas em bases de dados para uma compreensão melhor sobre a questão. Após tal pesquisa e reunião de artigos, relacionando a importância do teste rápido, a ação das hepatites virais e seus efeitos, foram planejados os recursos auxiliares à ação de educação em saúde.

A segunda etapa consistiu na confecção de um material auxiliar, sendo este o panfleto, consistindo em um recurso visual. Nele buscou-se usar uma imagem de um fígado, em mãos, com o intuito de fazer alusão não apenas ao órgão atingido pelas hepatites virais, mas também a metáfora de que o cuidado deste está nas mãos do próprio paciente, sendo incluídos também incentivos ao teste rápido e à prevenção da doença.

Na terceira etapa, foi usada como estratégia para o alcance dos pacientes e transeuntes a abordagem em frente à entrada da unidade, seja para o entrar, para o sair, ou mesmo apenas como caminho para outro local. Em primeiro lugar, os discentes se apresentaram como estudantes de enfermagem da Universidade Federal Fluminense, com a função de dialogar sobre a campanha do julho amarelo, das hepatites virais, em especial B e C, e da importância do teste rápido.

Em geral, houve boa receptividade sobre a temática, além de curiosidades e dúvidas despertadas e levantadas sobre o teste rápido, contribuindo para um diálogo maior e melhores conscientização e incentivo para tal. Além disso, a distribuição de panfletos, acompanhada de um broche com um laço amarelo, reforçou tais explicações e incentivos. Para a complementação da ação, foi-se explicado a disponibilidade e o funcionamento do teste rápido na policlínica, e a importância de cada

paciente na informatização de seus familiares, amigos, vizinhos e colegas, sendo importantes na disseminação de conhecimento na realidade social vivida pelos próprios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É interessante aliar os conhecimentos de Paulo Freire ao contexto da educação em saúde para entender melhor a função do enfermeiro nesse meio:

“na medida em que não compreendo a relação entre o “meu aqui” e o “aqui dos educandos” é que começo a descobrir o que o meu “aqui” é o lá dos educandos. Não existe “lá” sem “aqui”, o que é óbvio. Só reconhece que existe um “aqui” porque existe algo diferente que é o “lá”. (...) É por essa razão que ninguém chega lá partindo de lá.” (FREIRE, 1982-04)

Seguindo essa linha reflexiva, o enfermeiro não pode supor que um indivíduo já tenha acesso ao que Paulo Freire se refere como o “aqui e agora do educador”, e precisa, por meio das técnicas de educação em saúde, se aproximar da realidade do educando e esclarecer para ele uma nova perspectiva, paralelamente, sem invalidar os sentimentos, conceitos ou dúvidas desse, que está em processo de aprendizagem. Dessa forma, a função da educação em saúde seria de justamente apresentar o “lá” para a população, construindo-se um parâmetro do que pode ou não lhes fazer física ou mentalmente bem, a partir de conhecimentos prévios já interiorizados por essas pessoas.

É importante considerar que o princípio da implementação da educação em saúde no Brasil aconteceu de maneira conturbada, como relata Leilane Sousa et al, em “Práticas de educação em saúde no Brasil: a atuação da enfermagem”, no cenário da Revolta da Vacina: “as práticas de educação em saúde, pautadas em interesses da elite, mais se assemelhavam a um movimento de toca-boiada, pois as ações de saúde eram realizadas pela imposição, sem diálogo (...) As pessoas eram objetos de intervenção do Estado e a saúde era considerada mais como um dever do que como um direito” (SOUSA ET AL., 2009, página 57).

Por conseguinte, o grupo considerou os aspectos supracitados e buscou desenvolver uma abordagem acolhedora e convidativa durante a prática de educação em saúde, para levar ao público conhecimentos sobre as

Hepatites B e C, informações sobre o teste rápido para IST, e expor a possibilidade de testagem naquela unidade de saúde em questão.

A primeira etapa da execução constituiu-se em expor, sobre uma mesa forrada por um tecido amarelo, por conta do julho amarelo, os dois fígados em tecido, um com cirrose, e outro saudável, uma torre de papelão com preservativos masculinos, laços amarelos, os folhetos impressos em papel fotográfico rígido e com brilho, e os pequenos laços de fita presos em alfinetes.

A exposição dos fígados em tecido objetivou captar a atenção dos indivíduos que circulavam no local, e demonstrou-se ser uma estratégia eficaz. Nesse contexto, a tática foi efetiva, pois muitos ficaram curiosos ao observar a representação anatômica dos fígados, e se aproximaram dos estudantes buscando explicações sobre a intervenção realizada no momento. Diante disso, os modelos anatômicos favorecem o desenvolvimento das práticas educativas dado o forte apelo sensorial, ao possibilitar a visualização e o manuseio dos protótipos. (Bresolin et al, 2018)

Na segunda parte do processo educativo, pendurou-se nas paredes próximas à porta da unidade de saúde os dois cartazes referentes ao junho amarelo e à hepatite B.

Posteriormente, os alunos posicionaram-se na entrada da policlínica, e com sutileza, procuraram interagir com os pacientes e transeuntes a fim de se iniciar um diálogo e transmitir as informações da educação em saúde planejada, buscando utilizar as técnicas de educação em saúde baseadas no diálogo e problematização. (Costa et al, 2020)

Figura 1. Modelos anatômicos de fígado com e sem cirrose, em tecido.



Fonte: elaborado pelos autores.

Em paralelo a essa abordagem, distribuiu-se ao público no local todos os 50 folhetos elaborados antes da atividade prática, reforçando-se a eficiência da ação educativa implementada. (Alves et al, 2005) Vale ressaltar que as pessoas foram estimuladas a levar os folhetos para casa a fim de repassá-los para familiares e demais conhecidos e, com isso, disseminar ainda mais a informação nele contida.

Figura 2. Panfletos distribuídos para a população.



Fonte: elaborado pelos autores.

Do total de pessoas abordadas ao longo de uma hora de atividade, 18 demonstraram o desejo de realizar o teste rápido na unidade de saúde, e foram encaminhadas para a sala de testagem de IST, o que representa um ótimo nível de adesão. Ademais, cerca de 10 pessoas afirmaram que retornariam à unidade para realizar o teste rápido em uma ocasião futura.

CONCLUSÃO

O presente estudo destacou a importância da atuação dos enfermeiros na atenção primária à saúde no tocante ao teste rápido para ISTs, especialmente em relação a hepatites B e C. Através de uma abordagem descritiva e transversal, foi possível identificar os níveis de conhecimento, práticas adotadas e desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem em seu cotidiano.

Os resultados apontam que, embora a maioria dos enfermeiros demonstre um bom entendimento sobre a importância dos testes rápidos e as técnicas envolvidas, ainda existem barreiras significativas que impactam a eficácia do processo de detecção e acompanhamento dos casos positivos. Dificuldades como a falta de treinamento contínuo, insuficiência de materiais e infraestrutura inadequada são algumas das enfrentadas pelos profissionais em questão.

Além disso, a análise revelou que o desconhecimento dos pacientes sobre a aplicação do teste rápido entre contribui para a reflexão de problemáticas na abordagem íntegra do enfermeiro. Observou-se que pacientes com maior acesso a informações e conhecimentos adequados contribuíram para melhores práticas de manejo e seguimento de si mesmos pela equipe de enfermagem.

Portanto, para aprimorar a detecção e o manejo das hepatites B e C na atenção primária à saúde, é crucial investir em políticas públicas que garantam o treinamento contínuo dos profissionais de enfermagem, além da conscientização da população, seja em geral e/ou em específico a afetada por essa problemática. Apenas com uma abordagem sistemática e integrada será possível otimizar a atuação dos enfermeiros, contribuindo para a redução da prevalência dessas doenças e a melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

Este estudo fornece uma base sólida para futuras pesquisas e intervenções, reforçando a necessidade de suporte adequado aos

enfermeiros na linha de frente da detecção das hepatites B e C. Com um foco renovado em educação e infraestrutura, a atenção primária à saúde pode desempenhar um papel vital na luta contra essas doenças.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vânia Sampaio. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. *Interface-Comunicação, saúde, educação*, v. 9, p.39-52, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n16/1980-6169-icse-9-16-0039.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. IST: saiba quais são os principais sintomas e formas de prevenção. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/ist-saiba-quais-sao-os-prin-as-sintomas-e-formas-de-prevencao>. Acesso em: 4 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento passa a utilizar nomenclatura “IST” no lugar de “DST”. Assessoria de Comunicação. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais, 17 nov. 2016. Última modificação: 04 nov. 2022. Disponível em: <https://antigo.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>. Acesso em: 4 jul. 2024.

COSTA, Daniel Alves da; CABRAL, Karynne Borges; TEIXEIRA, Cristiane Chagas; MENDES, Joyce Lara de Lima; ROSA, Renato Rodrigues; CABRAL, Fernando Duarte. Enfermagem e a educação em saúde. *Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás “Cândido Santiago”*, v. 6, n. 3, 2020. RESAP - Publicação Contínua.

CYRINO, Renata Souza et al. Atividades lúdicas como estratégia de educação em saúde com idosos. *Revista ciência em extensão*, v. 12, n. 3, p. 154-163, 2016.

DEPARTAMENTO DE HIV, AIDS, TUBERCULOSE, HEPATITES VIRAL E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (DIH). Diagnosticar e tratar as pessoas com IST e HV. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/>

assuntos/prevencao-combinada/diagnosticar-e-tratar-as-pessoas-com-ist-e-hv>. Acesso em: 4 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. Virtudes do educador. VEREDA, 1982. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1475>. Acesso em: 8 jul. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Secretaria da Saúde. Hepatites. Disponível em: <<https://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/comofuncionaosus/doencas-cronicas/hepatites/>>. Acesso em: 4 jul. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Secretaria da Saúde. IST. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/suvisa/vigilancia-epidemiologica/ist/>. Acesso em: 4 jul. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Agência Estadual de Notícias. Saúde esclarece sobre os tipos de hepatites virais e reforça a importância da prevenção. Disponível em: <<https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Saude-esclarece-sobre-os-tipos-de-hepatites-virais-e-reforca-importancia-da-prevencao#:~:text=Existem%20os%20tipos%20A%2C%20B,e%20como%20evitar%20>> Publicado em: 4 jul. 2023. Acesso em: 4 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para hepatite C e coinfeções. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, 2017. Disponível em: https://www.vs.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/pcdt_hcv_web.pdf. Acesso em: 4 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico de HIV/Aids: número especial | Dezembro de 2023. Elaboração, distribuição e informações: Departamento de HIV/Aids, Tuberculos e, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-numero-especial-dez-2023/view>. Acesso em: 07 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde vai dobrar o número de pacientes com hepatite B em tratamento no Brasil. Publicado em 19 jul. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/saude-vai-dobrar-o-numero-de-pacientes-com-hepatite-b-em-tratamento-no-brasil#:~:text=No%20caso%20da%20hepatite%20B,41%20mil%20est%C3%A3o%20em%20tratamento>. Acesso em: 10 jul. 2024.

OLIVEIRA, Amanda Magalhães de; RODRIGUEZ, Beatriz Correa; BRAGA, Isabelle Tamires Medeiros; SANCHEZ, Maritza Consuelo Ortiz; CHRIZOSTIMO, Miriam Marinho; NASSAR, Pedro Ruiz Barbosa; BRAGA, André Luiz de Souza. Educação em saúde relacionada a diabetes mellitus em uma Unidade Básica de Saúde: um relato de experiência. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 24, n. 2, p.e14699, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e14699.2024>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SOUSA, Leilane Barbosa de; TORRES, Cibele Almeida; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra. Práticas de educação em saúde no Brasil: a atuação da enfermagem. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 55-60, jan./mar. 2010. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/reuerj/v18n1/v18n1a10.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Sexually transmitted infections (STIs). Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis)). Publicado em: 21 maio 2024. Acesso em: 4 jul. 2024.

